

CONTRACORRENTE ENTREVISTA: ONDJAKI

Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco (UFRJ)¹

Ondjaki é um jovem escritor angolano que reside no Brasil, no Rio de Janeiro, desde 2007. Nasceu em 1977, em Luanda, após a Independência de Angola. Com uma obra multifacetada, além da literatura, tem produções no campo do cinema, do teatro, das artes plásticas. Até o momento, possui publicados 15 livros² de diversos gêneros: poesia, romance, contos, teatro, estórias infantis. Traduzido em diversos países, o escritor já foi bastante premiado.³

CT (Carmen Tindó) - Ondjaki é um pseudônimo literário. O que quer dizer? Por que o usa? Qual o seu verdadeiro nome? Fale um pouco de sua infância e adolescência passadas em Luanda, cidade que se tornou personagem, em muitos de seus livros. Ao relembrar o passado, a escola, você focaliza os professores cubanos. Qual a importância deles em sua formação e qual o papel da memória na sua escrita literária?

O (Ondjaki) – Dizem que Ondjaki quer dizer “guerreiro”, em umbundu. Mas já ouvi tantas versões, que prefiro acreditar que quer dizer várias coisas. Vou-me servir dos variados significados ao longo da vida. O meu verdadeiro nome deixo-o reservado à família e aos amigos. Começar a ser Ondjaki fez-me bem, foi-me libertando para esse eu de escritor. O nome de verdade, mesmo dentro de mim, agora é um refúgio.

Já não sei falar muito da minha infância e adolescência, sem ser, quase sempre, caindo numa espécie de memória inventada. Foi uma infância muito feliz, calma, cheia de conteúdos espontâneos, isto é, as poucas dificuldades que vivi não as encarei como tal. Tudo era riso, escola, brincadeira, família, praia. A adolescência foi diferente. Levarei anos a apaziguar-me com o meu eu de adolescente. Contudo, foi importante. As dores internas e os livros. Os sonhos e as lágrimas. O riso e a poesia. A vida, afinal.

Quanto aos professores cubanos, nem saberia por onde começar. Cada vez que falo neles, que penso neles, o que vem à cabeça é o ainda intenso desejo de os reencontrar. Dar-lhes um abraço. Passar uma tarde inteira a falar com eles... Só assim se cumpre, para mim, o ciclo do livro *Bom dia camaradas*. Acho que foi para pessoas como eles que eu escrevi esse livro. Essa Luanda que foi tão minha quanto deles. Esses ensinamentos humanos que eu recebi deles. Tudo isso extravasou as minhas memórias e chegou aos livros em forma de literatura. Agora, é tarde para tentar entender onde se dá a transição. Eles são parte, portanto, de tudo o que da “memória” eu invoco para escrever. E parte da minha obra é memória, sim: inventada, reinventada, redescoberta, refeita, ressonhada, revivida. No fundo, só há memórias inventadas.

CT – Você começou na literatura pela poesia e possui já quatro livros de poemas. O que é a poesia para você? Ou seja: como você caracteriza sua poética? Manuel de Barros é um dos autores que marcam sua escrita. De que modo? Que outros autores você também arrolaria?

O – Gostaria de saber o que é a poesia para mim. Gostaria mesmo. Mas talvez essa descoberta seja demasiado perigosa. Na poesia é que vejo, cada vez mais, quanto só se escreve aquilo que realmente grita e é importante. Em fases distintas, em ecos internos, distintos. E é boa porque não se controla, ela chega, aparece, deixa-se trabalhar, porque já lá estava. Mas não sei caracterizar a minha poesia. Sinto que ela tem um lado bem mais ‘leve’ (“há prendisajens...”, “materiais de confecção...”) e um outro, mais denso, e que me custa mais revelar (os outros dois). Manoel de Barros foi muito importante, sim. Foi uma nova janela. E não é todos os dias que encontramos uma “nova janela” dentro de nós. Outros nomes? Ana Paula e Ruy Duarte. Sylvia Plath. Paul Celan. Natália Correia. Sophia de M. B. Andersen. Ficam nomes por dizer.

CT – Seu último livro reapresenta sua primeira obra de poesia, mas a grafia de *Acto sanguíneo* está diferente. Essa alteração foi proposital? Explique a razão. No título, aparece também a metáfora do “sul” que, agora, parece estar na moda (lembro, por exemplo, que Boaventura de Sousa Santos publicou recentemente *As epistemologias do sul*). Peço-lhe para explicar os metafóricos

sentidos do “sul” em sua poesia, Ondjaki.

○ – Sim, eu decidi mudar simplesmente, porque “actu sanguineu” foi uma invenção minha, anos atrás, para que intencionalmente o título ficasse estranho. Mas, depois, ninguém sabia bem como ler, e não interessa nada isso. Então ficou *Acto sanguíneo*, que é a ideia sempre presente por detrás de tudo isso... Quanto ao “Sul”, eu tenho os meus... Não é nenhuma alusão, acredite, à Sociologia ou até ao mundo... Vezes demais, dentro de mim faz sul... E é só isso. Um certo sul, um sul-de-estar, um sul-de-menos-sonhar, um sul nostálgico que vem de dentro. Na vida real, quando penso Sul, sim, talvez seja geográfico, o Lubango, terra que eu adoro, fica a sul de Luanda; o Namibe, terra do meu avô, do meu pai, da minha tia, fica a sul também; Angola fica no sul... É uma palavra bonita de se dizer ou de se pensar. Ou de nos deitarmos com ela.

CT - As fronteiras entre história e ficção são, em geral, bastante tênues. Como isso está presente em sua obra? Seria possível você discorrer um pouco sobre essa questão, abordando alguns de seus romances e contos?

○ – Sim, fica difícil, mesmo quando se escreve, encontrar ou saber essa fronteira. Talvez, mesmo, escrevamos em busca dessa não-fronteira entre o lugar que existe e o local que passa a existir depois de o escrevermos como se tivesse alguma vez sido verdadeiro. Às vezes, como diz o camarada Mia, o escritor quer “brincar de Deus”. E brinca mesmo. A diferença está em que nós, os autores, sabemos onde os encontrar e podemos colocar questões assim diretamente. Já Deus, como se sabe...

Eu trabalho com essa fronteira. Com a memória de Angola e de Luanda. Importo alguns desses referentes para a minha ficção, mas o que me interessa é o resultado literário. Por vezes, em obras como *Bom dia camaradas* ou *Os da minha rua*, acontece-me fazer um certo trabalho semi-intencional de fixação de memórias e de linguagens. Gosto disso, mas não pela vertente linguística ou antropológica, senão literária mesmo. Ao escrever, falar desse modo antigo, sinto-me lá, sorrio, sinto-me mais perto, sou imbuído de sensações que chegam pela linguagem, me devolvem afetos, momentos, ritmos: e isso me

orienta na minha ficção. A linguagem também é um lugar, sabe? Invoca rostos, gestos, causos, expressões faciais, episódios, relatos, laços, direções.

Eu, na quarta classe, fui ensinado a distinguir estas três palavras: "História", "história" e "estória". E nunca me passou pela cabeça quanto isto seria crucial na minha vida. Porém, senti, muito cedo, que eu optava pela palavra "estória". A História realmente poucas vezes me interessa; a história era a vida, um pouco sem graça; e as estórias eram o que de fato davam vida à minha vida; é nelas que eu sou animal e escritor, ouvinte e contador, criança e velho. Brinco de ter a pele de Deus? Não sei. Reservo-me apenas alguns cuidados: ao fazer trabalhos intencionais entre o "real histórico" (por exemplo, em *AvóDezanove...*) e a minha ficção-feita-memória, julgo que é preciso ter alguma delicadeza no tratamento dos fatos: não ofender o país; não ofender a nossa querida cidade de Luanda; não ofender a memória dos outros; respeitar o delicado assunto de todas as guerras; não falar demasiado sobre aquilo que não sei; evitar as especulações oportunistas (isto é, os "efeitos especiais" que sirvam apenas à minha prosa). Não sei se cumprio (sempre) estas minhas pequenas regras, mas acredite que me esforço muito para o fazer. Já há tanta gente sempre pré-disposta a falar à toa (e mal) do nosso país e do nosso continente, por que seria eu mais um a contribuir para isso?! Onde ficaria o meu respeito pelos mais-velhos e pela terra?! Portanto, repito: é delicado. Andamos na corda bamba. Em cima de cactos. E escrever é como viver: é perigoso mesmo...

CT – A propósito, em sua ficção, há a presença recorrente de crianças. O que significam elas em sua obra? Elas também são frequentes em Luandino Vieira, Guimarães Rosa, Manuel Rui. Gostaria que comentasse um pouco acerca da importância desses autores na sua obra.

O – Eu não sei onde terei lido ou escutado esta frase: "as crianças estão em toda a parte", mas acredito muito nela. Cresci, como todo mundo, no meio de crianças (casa, rua, escola), cercado de brincadeiras, gritos, correrias, medos e fantasias. E, na escola, os textos da disciplina Língua Portuguesa tinham muitas crianças, sempre: desde excertos de obras nacionais, ou de Moçambique,

ou de Cabo Verde, ou alguns textos isolados, poesias, sempre com crianças neles. Depois, o contato com o texto, marcante, belíssimo, *Nós matamos o cão tihoso*. Não há como enganar: em Luanda, nos anos 1980, todos sabíamos quem era o Cão Tihoso e a Isaura. Alguns (como eu) teriam tido sonhos relacionados com esta estória. Depois líamos *Quem me dera ser onda*. Estes dois livros deram-me, de fato, a importância da criança-personagem e da linguagem das crianças como fazedora de ritmos e conteúdos. Devo muito também às leituras de Luandino Vieira, obviamente, mas, em Honwana e Manuel Rui, penso eu, pode estar a semente que viria a brotar, do ponto de vista da linguagem e do posicionamento afetivo do narrador, em *Bom dia camaradas* (BDC), as outras duas pontas desse vértice (por enquanto) triptico.

Descobri em BDC que as crianças eram os amigos e os aliados do narrador. Pode até ser viciante, contudo, esse narrador, onisciente, semi-inocente, semicruel, tendenciosamente predisposto a defender o 'suspanse' da narrativa, ele aparece-me sempre que viajo à infância. E vem carregado, como que de mãos dadas, com amigos, momentos, episódios, cheiros, linguagens e conexões afetivas que não posso evitar. Sofro um pouco (para não dizer muito), quando vou lá a essa terra das minhas infâncias. Saio de lá muito triste, às vezes, esvaziado, assustado: já nada disso existe. A vida é real, aconteceu para a frente. Volto de lá com saudades de todos, de todos eles: os que até já morreram e os que vivem, claro, cada um a sua vida, longe de mim e da cidade de Luanda dos anos 80. Volto sempre dessa viagem com o grande título do camarada Luandino na cabeça: "*No antigamente, na vida*". E não sei arrumar-me por dentro. Não sei colocar o misto de dor e ternura que sinto. Talvez escreva essas obras na tentativa (vã?) de me explicar como é que o tempo passou; e, humanamente, literariamente, o que poderei fazer com o tempo que já passou. Será isso?

CT - Tanto na sua poesia, como na sua prosa, a alegria e a tristeza, a utopia e o desencanto, a noite e o dia, o medo e a coragem encontram-se, no meu entender, profundamente entrelaçados. Estou certa? Em caso afirmativo, peça-lhe que exponha algumas das razões dessa mesclagem de contrários.

O – Sim, eventualmente estará certa. Todavia não sei explicar. Será a tal corda bamba que usamos para fazer a travessia na escrita de um livro? É um reflexo meramente pessoal do que vejo e sou, no sentido mais profundo? Sei bem que muitas vezes me sinto confuso com as coisas que os outros veem fora de mim e aquilo que na realidade se vai passando cá dentro. Bem sei que não é só comigo, mas, de qualquer modo, esta minha experiência a mim diz respeito e trago-a comigo, no dia-a-dia. E não a resolvo. E não a resolvi ainda. Sou mais de noite, eu. Da noite (o “de” e “da” aqui foram intencionais, não vale a pena usar nenhum corretor). Quase que ia dizer que sou bem mais desencanto que utopia, mas isso seria ser excessivamente sincero. Porque há uma crença em mim: que a minha geração tem como destino ser otimista. Ser criativa. Trabalhar, revelar, dignificar o nosso país. Então, de certo modo, claro, não me posso autorizar a ceder ao desencanto. Opto, conscientemente, pela construção de uma nova utopia. A nossa, pós-independência, pós-tanta-coisa. Mas!..., dentro de cada um, só cada um sabe as texturas que o vestem, que o fazem. E acho que hoje aceito bem isso: uma coisa é o que sou; outra, as coisas que tenho mesmo de fazer. Não temos outra hipótese. Produzir, fazer, inventar, sorrir, multiplicar os esforços. Acho que vai ser assim para a minha geração. Oxalá tenhamos suficiente coragem e lucidez para que, mais tarde, possamos ser dignos da nossa caminhada. Oxalá.

CT - Você não viveu a guerra de libertação, pois nasceu dois anos após a independência de Angola. Contudo, cresceu ouvindo as histórias contadas por seu pai, o Comandante Juju. Sua infância e adolescência transcorreram durante a longa guerra civil que desfigurou bastante seu país. Você seria capaz de apontar diferenças estruturais entre essas duas guerras ocorridas em Angola?

O – Eu seria capaz, sim... Mas, mais uma vez, toca esse lado delicado do assunto guerra. Isto é, nós, os privilegiados de Luanda, não sabemos quase nada da guerra. Quatro dias de combates em 1992? Isso é algo, se compararmos às experiências das pessoas no Huambo, Kuito, Kuando Kubango, Malange, etc? O que eu sei mesmo, ouvi de contar. Aprendi muito (ainda aprendo) com

os meus pais, sobre o tempo deles de guerrilha, as suas convicções, opções pessoais e políticas, implicações familiares de tudo isso. Contudo, vive-se também de “memórias emprestadas”, dos meus pais, da Avó Agnette, do Avô Aníbal, do tio Joaquim, da tia Tó, do que se leu, do que era verdade e do que afinal, anos mais tarde, fomos descobrindo que eram grandes mentiras nacionais. Bom, de tudo isso, se faz uma pessoa e uma memória. Porém, isso é assunto para outros lugares, outras discussões... E Angola terá, sim, de fazer uma longa reflexão sobre todas essas guerras. Até para saber melhor do seu futuro.

CT - Era bom, agora, que explanasse um pouco a respeito de sua vertente de cineasta, explicando algumas das principais intenções de seu documentário *Oxalá cresçam pitangas*, feito em parceria com Kiluanje Liberdade.

O – A minha vertente de cineasta é a de um escritor que quis ir espreitar Luanda por um outro prisma e contar uma estória escrita de outro modo. Claro, chamando o Kiluanje Liberdade e a Inês Gonçalves, que são quem realmente entende de documentários. Na realidade, uma coisa eu tinha em comum com o Kiluanje: a ideia de mostrar Luanda, os luandenses, sob um prisma mais próximo, mais verdadeiro; deixando-os falar, explicar os seus anseios e razões, as suas preocupações, mas também as suas fantasias. Uma outra Luanda que não aquela que as televisões exploram sempre de modo negativo. Foi um exercício e penso que correu muito bem. É apenas uma visão parcial da cidade e dos cidadãos luandenses, entretanto é uma visão sincera e muito válida. Outros projetos virão. Tem de ser. Parece-me que tem de ser...

CT – Para encerrar a entrevista, trago, para que comente, uma questão formulada pelo Prof. Allison Leão, o organizador deste número da Revista *ContraCorrente*: “Em relação ao *AvóDezanove...*, gostaria que você falasse da constituição do contraste entre a lógica infantil e o ambiente hostil ali posto. Para mim, a beleza do livro está nisto, na fantasia como um outro modo de pensamento, não alternativo, mas de igual (ou de maior) importância operacional que a lógica racionalista. Paul Valéry via a fantasia como uma forma mais eficaz de organização da realidade do que a razão. Por outro lado, como

Hannah Arendt observou, havia muita *aparência* racional e lógica no discurso nazista, ao menos na sua ascensão e um pouco depois. Queria que você fizesse uma consideração sobre isso, tanto no que se refere ao pensamento infantil, como sobre o discurso literário em si – que pode ser outro avatar da fantasia”.

○ – No livro *AvóDezanove...* eu quis intencionalmente deixar as crianças tomarem conta do relato. Isto é um pressuposto falso, visto que sou eu (o escritor) quem escreve o livro, e não as crianças. Mas a literatura também é esse exercício sempre arriscado de dar “voz própria” ao personagem. Com essa ideia, surge, inerente, a questão da fantasia, do “outro lado das coisas” que as crianças-personagens podem ver e praticar. A título pessoal, no meu dia-a-dia, sou um pouco desinteressado desse universo cínico dos adultos... As crianças, até nas suas pequenas preocupações, são mais sinceras e criativas. Então, sim, a construção desse romance passa pelo tratamento de questões reais, depois ficcionalizadas (Luanda, os soviéticos, o Mausoléu, as guerras, as tensões) e, finalmente, tratadas pela lógica infantil das crianças que é constituída por duas prioridades: a resolução imediata dos seus problemas e a fantasia.

Não sei, sinceramente, se existe um ambiente assim tão hostil. O curioso (para não usar outra palavra...) é que acabo de descobrir que as velhas casas da Praia do Bispo vão mesmo ser demolidas num futuro muito próximo. Isso deixou-me triste e mais uma vez leva-me ao livro: ah!, se as crianças pudessem resolver essa questão à sua maneira... Está tudo escrito, pensado (risos), é só executar...

Além da fantasia, o que está nesse livro é o ritmo próprio (do dia-a-dia, das noites, dos planos infantis...) da vida e da linguagem de Luanda. Isso é algo que me sai naturalmente e que fica fixado nos livros. A linguagem, a real e a inventada. Porque, em crianças (e ainda hoje), em Luanda, estamos sempre a inventar novas palavras e linguagens. Portanto, é natural que isso apareça no decorrer da obra. *AvóDezanove...* foi, talvez, o livro que me causou mais felicidade no momento de escrita... Pude estar na Praia do Bispo durante alguns dias, pude brincar com aquelas crianças, inventar o maluco EspumaDoMar (que é baseado num personagem real, mas há algo de Fellini/

Amacord nele...) e, sobretudo, estar com essa minha Avó Agnette dos anos 80 e a sua irmã, a Avó Catarina. Escrevi esse livro para celebrar a ideia de liberdade das crianças, do bairro, mas também para estar numa Luanda que já não existe. E o presente é também, sempre, feito de saudades do passado. Um passado real e um passado que, no presente, inventamos ter existido.

Quanto à *“fantasia como uma forma mais eficaz de organização da realidade do que a razão”*, não sei se é propriamente mais eficaz, contudo, certamente, mais divertida, mais criativa e até mais humana. Eu penso que as lógicas associadas à razão são muito úteis para organizar a vida humana, todavia elas devem ser vistas apenas como “mais um” instrumento; e não, constantemente, como o instrumento principal. Eu apelo aos narradores infantis, porque eles trazem uma voz e um “modo de contar” que é útil para aquilo que quero fazer literariamente, isto é, serve ao meu propósito literário que é de contar e, ao mesmo tempo, trazer um ritmo linguístico que seja, ele mesmo, conteúdo. E, quando estes narradores aparecem com a sua generosidade, a fantasia de contar resulta bem. É incrível como, durante a escrita, sou surpreendido pelas “novas” ideias que são os personagens a trazer, durante as suas falas, no modo como os diálogos acontecem, e isso muda, tantas vezes, o rumo da estória, da narrativa. A voz das crianças permite dizer muitas outras coisas e seguir essa via, sim, da fantasia, que é a literatura no seu sentido mais abstrato e potente. Lembrar para escrever; escrever para lembrar coisas que nos esquecemos de inventar ou de viver. Pelos olhos das crianças, muitas vezes, o que é hostil, simplesmente, passa a ser doce, criativo, divertido. Acho que isso é uma grande lição para a vida de qualquer pessoa.

